

24-06-2022

Abertura a novos membros é trunfo da União Europeia?

Ucrânia vai ser candidata à UE e isso dará poder a Bruxelas; Kaliningrado é nova tentativa de abrir fissuras entre os 27

“O custo humano desta batalha está a ser enorme. É simplesmente aterrador. A batalha pelo Donbas será, sem dúvida, lembrada na história militar como uma das mais violentas a acontecer na Europa”, disse o Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, numa mensagem ao país, emitida segunda-feira à noite.

Pode ser que a História venha a dar-lhe razão, mas esta semana assinalou-se o início daquela que já é vulgarmente considerada a mais importante batalha do século XX: a 22 de junho de 1941 a Alemanha nazi invadiu a União Soviética, decisão de Adolf Hitler que marcou o princípio do colapso do Terceiro Reich, pelo qual a Rússia se considera a única responsável.

A verdade também aqui é um pouco diferente da que o Kremlin tem tentado vender nos últimos quatro meses. “A frente de batalha onde hoje es-

tão a Bielorrússia e a Ucrânia foi extremamente fustigada, há claro cinismo por parte de Putin, que deixa fora da sua narrativa o esforço dos ucranianos nesta luta contra o nazismo, apesar de ser algo de que também a Ucrânia se orgulha. Só o ouvimos falar de desnazificação, sem referir a História”, diz ao Expresso Raquel Freire, professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e especialista em Rússia e espaço pós-soviético.

UE volta a ser inclusiva?

Esta foi também a semana em que os centros de decisão da UE acertam o passo no que toca ao estatuto de candidato da Ucrânia. Fora alguma surpresa de última hora, o Conselho Europeu tem um guião e deve segui-lo até à oficialização desse estatuto.

Sandra Fernandes, professora de Relações Internacionais da Universidade do Minho, considera que um dos grandes trunfos da UE ainda é a sua política de alargamento. “O pedido de adesão está feito e

é o instrumento mais poderoso que a UE tem em mãos no período pós-Guerra Fria.” Na frente negocial, a UE “não está a trazer grande dinâmica”, tem de se focar no que pode fazer.

Alargar é preciso

“O que consegue é ativar uma nova identidade política, ter papel mais interventivo, de arrastamento, defender uma visão do mundo em que não se alteram fronteiras com recurso à força se um país ou Governo decidir virar-se para a cooperação com o Ocidente.” A capacidade da UE de aceitar novos membros, após a grande fadiga do alargamento provocada pelas crises financeira e, depois, migratória, volta a tornar os 27 “muito mais inclusivos em relação à vizinhança”, o que pode dissuadir viragens a Leste para quem está na calha da adesão.

O enclave russo de Kaliningrado voltou a surgir no mapa da discussão geopolítica, depois de a Lituânia ter anunciado um bloqueio parcial à entrada de certas mercadorias no âmbito das sanções aplicadas pela UE a Moscovo. Ora, como explica Fernandes, a zona, espremida entre a Polónia, a sul, e a Lituânia, a leste, habitada por um milhão de pessoas, é “uma lança russa no seio da UE e da NATO”. Ali há mísseis hipersónicos Kinzhal, que podem atingir alvos a 2400 quilómetros de distância: toda a Europa, com exceção de Espanha e Portugal. A.F.